

SÁBADO



[Lucília Galha](#) 28 Novembro 2021

Sprays nasais, pensos adesivos com microagulhas – mas que não doem ao aplicar. Estas serão as novas armas contra a Covid e podem chegar já em 2022.

Sim, estamos muito melhor do que estávamos há um ano, mas não se iluda: ainda não é possível respirar de alívio. Porquê? “Ter uma taxa de vacinação muito elevada deu-nos uma proteção individual importante, mas não evitou que continuássemos a ser infetados e também potenciais transmissores”, diz à **SÁBADO** o imunologista Manuel Santos Rosa. Partindo dessa limitação, universidades, farmacêuticas e até startups começaram a desenvolver “algo diferente”. O quê? Formas de impedir que o vírus se replique e que a pessoa o transmita a outros. Como? Através de um spray nasal ou de um penso adesivo, por exemplo. Bem-vindo às vacinas de segunda geração.

O que são vacinas de segunda geração?

Todas aquelas que tenham melhorias muito significativas em relação às atuais. “Podem ser vacinas mais adaptadas às variantes, que tenham como objetivo principal prevenir a infeção e bloquear a transmissão do vírus, vacinas cuja resposta imunitária seja mais durável ou vacinas com

administração mais simples, oral ou inalada”, enumera Miguel Prudêncio, investigador principal do Instituto de Medicina Molecular (IMM).

Porque precisamos delas?

Por um lado, por causa da persistência do vírus SARS-CoV-2. “As situações anteriores, epidémicas, pandémicas, até a gripe sazonal (que vem nos meses frios e depois desaparece por si própria), nunca persistiram muito tempo”, diz Manuel Santos Rosa, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. “Já o SARS-CoV-2, não só pelas mutações, mas pelas suas características – consegue infectar muitas células do nosso organismo –, acaba por ter uma persistência mais longa”, explica o especialista. Por outro lado, porque as atuais vacinas conferem proteção individual, mas não a chamada imunidade de grupo. “A limitação mais importante que se tenta resolver é a transmissibilidade”, diz o investigador do IMM, Miguel Castanho. A resposta do sistema imunitário com as vacinas atuais é “um pouco lenta”, diz o investigador. “Aparece ao fim de algum tempo e durante o período que medeia a entrada do vírus no organismo e a reação do sistema imunitário, o vírus ainda consegue multiplicar-se”, explica.

Quantas vacinas estão a ser desenvolvidas?

Segundo a Organização Mundial de Saúde, há 132 vacinas em ensaios clínicos e 194 na fase pré-clínica, ou seja, ainda em testes laboratoriais ou em animais. Entre aquelas já a ser testadas em pessoas, a maioria são injetáveis, mas há 4 de administração oral (como um comprimido), 8 que se destinam a ser inaladas e 1 em aerossol.

Quais estão mais avançadas?

A vacina da farmacêutica americana Novavax está a ser avaliada pela Agência Europeia do Medicamento e, se o parecer for positivo, poderá ser a 5^a autorizada para a União Europeia. A metodologia é diferente das vacinas de RNA, como a da Moderna e da Pfizer: “É uma vacina baseada na proteína do vírus, ou seja, apresenta logo uma componente do vírus ao sistema imunitário. É outra forma de conseguir a mesma coisa”, explica o especialista em vacinas, Miguel Prudêncio. Também a da francesa Sanofi já está em ensaios clínicos de fase 3, a ser avaliada como dose de reforço de outras vacinas. Há ainda outra vacina promissora e com uma forma de administração diferente – trata-se de um spray nasal. “Foi desenvolvida pela Universidade de Oxford e já está a decorrer um ensaio clínico na Suíça”, diz o imunologista Manuel Santos Rosa.